

José Eduardo Reis*

Recensão a *A Panificadora de Vila Real de Nadir Afonso: Crónica de uma demolição*. Coord. Laura Afonso e Mila Simões de Abreu

Tese/ Antítese e Paradoxo, assim definiria o livro editado pela Fundação Nadir Afonso, *A Panificadora de Vila Real de Nadir Afonso*. Tese, porque o subtítulo esclarece a seu argumento central: *Crónica de uma demolição*. Antítese, porque partes substanciais do seu conteúdo sugerem que esse subtítulo podia, com maior índice de exatidão, incluir os termos “conceção” e “construção”, antepostos ao termo antónimo “demolição”, e assim ser reescrito como *Crónica de um conceção, construção e demolição*. Paradoxo, porque, ao invés de uma síntese dialética geradora de uma temática sobre a possível e desejável reabilitação do edifício pré-existente, que necessariamente implicaria algum trabalho de demolição das suas componentes funcionais para o adaptar a novos usos, o que sobressai da leitura de conjunto dos trinta e um textos que compõem este livro é a exibição de uma tensa representação de explanações argumentativas, incongruências temáticas e contrassensos expositivos – uma narrativa poliédrica composta de cronologias, relatos, episódios, opiniões, testemunhos, análises, evocações, distribuídos em tons maiores e antitéticos de vivo reconhecimento e crítico ressentimento. De facto, a conceção deste volume tem a qualidade e o mérito de agregar solenidade intelectual e elegância crítica à motivação fundamental das suas coordenadoras, Laura Afonso e Mila Simões de Abreu, em legarem, no ano do centenário do nascimento de Nadir Afonso, um testemunho bibliográfico sobre o acidentado e infeliz processo que conduziu à rasura do mapa de Vila Real de um dos seus raros projetos arquitetónicos edificadas em Portugal. No limite, essa solenidade e elegância parecem-me estar em linha com o ideário estético e filosófico da “pura harmonia plástica” que incessantemente Nadir buscava e cultivava, concebia, projetava e pintava como se interiormente intuisse, a partir do seu fascínio por uma espécie de ordem pitagórica do mundo, que o que sobrevém, apesar de tudo, é a dinâmica beleza do pensamento feitos obra, descoberta, rigor, proporção, virtude. A ilustrar essa qualidade e mérito editoriais, não podia ser mais adequada a imagem que, após o índice, reproduz o quadro de Nadir intitulado *Vila Real*. Trata-se da primeira de um conjunto de dez reproduções cujos títulos,

na sua variedade semântica, parecem funcionar como um subtexto de valor antifrásico, isto é, como uma paradoxal glosa de reitação e sublimação do tom predominantemente crítico que atravessa o conjunto dos textos deste livro: *Acrópole Nuclear*, *As Garças*, *Londrina*, *Manaus*, *Corgo em Vila Real*, *Estudo para géométrie animée*, *Honfleur*, *Espacimilité*, *Áspide*. De facto, no geometrismo rítmico de *Vila Real*, umacrílico de 93 x 124 cm, é possível discernir, no canto superior esquerdo, uma subtil alusão quer às formas onduladas das abóbadas da cobertura da panificadora, quer aos traços retilíneos, verticais da sua chaminé e da sua torre de silos, ambos representados de modo não mimeticamente figurativo, recompostos e multiplicados em vários tons de azul. A mesma alusão curvilínea da cobertura das abóbadas parece também ocorrer na imagem do quadro *Corgo em Vila Real* reproduzido na última página da primeira parte das quatro em que se subdivide a monografia. Também aqui, a panificadora surge pintada a azul, em igual posição no canto superior esquerdo, mas de modo mais ambíguo, insinuando, na sua menor estilização formal, uma onda sobreposta ao traço horizontal, a grosso, do curso da água do rio. Neste guache sobre papel de 27x 40,5 cm, a única figura formalmente discernível é a de um rosto humano que sugere uma autorrepresentação do próprio Nadir. Não só o artista se auto retrata, como insiste na autorreferência à sua obra arquitetónica construída em Vila Real. Justamente, no quadro com este título, a panificadora surge evocada num plano secundário relativamente ao frontal, uma intrincada, irruptiva e dinâmica teia multicolorida de formas predominantemente serpenteadas dispostas em diagonal, contrastando, na sugestão do seu movimento, com uma série estática, no canto inferior esquerdo, de traços verticais paralelos – que podem ser lidas como figurando as escarpas do promontório em que se situa a parte mais antiga da cidade transmontana. Sem querer abusar de uma excessiva interpretação realista, essa teia pode significar a turbulência das cascatas confluentes e especulares da luz solar e dos elementos envolventes do Cabril e do Corgo, os rios que correm em Vila Real. Mas também, em registo de irónico vaticínio, todavia no estilo sublimador da ordem temporal das coisas que caracteriza o espírito apolíneo de um Nadir aberto a intensas linhas de fuga, essa teia pode representar o caos desordenado associado à demolição da sua emblemática e rara obra arquitetónica pintada a azul no canto superior esquerdo. Esta liberdade interpretativa justifica-se à luz do supramencionado paradoxo que caracteriza o livro em análise e que sobressai nas ilustrações de violento contraste entre a beleza das imagens dos quadros de Nadir e a brutalidade das fotografias reais, algumas delas sublimes, do abandono degradante e da culminante demolição da panificadora que ele concebeu e desenhou.

Mas regressemos à estrutura editorial do livro. Expandindo alguns dos tópicos constantes do prefácio assinado pela presidente da Fundação Nadir Afonso, Laura Afonso, ele inicia-se com uma exaustiva cronologia com cerca de 190 entradas elaborada pela arqueóloga Mila Simões. Nelas se referem os principais momentos associados à história da panificadora, entre Junho de 1964 e 29 de Setembro de 2020, isto é, entre o mês e o ano em que deu entrada na CMVR o pedido formal de construção da panificadora e a data da primeira exibição pública do filme-documentário sobre o processo que conduziu ao seu arrasamento, *Panreal, um edifício de Nadir Afonso*, do cineasta José Paulo Santos. O tom crescentemente dramático do desfecho

dessa cronologia reverbera ainda com maior intensidade no minucioso e zeloso Diário in situ da demolição da Panreal, da autoria da arquiteta Sofia Lourenço. Consta este diário de um anexo da Parte III e é precedido de um pertinente texto obliquamente relacionado com as deficitárias condições legais e sanitárias, ali denunciadas, com que se deu início à demolição do edifício. Da autoria dos investigadores universitários Margarida Correia Marques, Fernando Braga e Cristina Imaginário, nele se discorre, numa perspetiva interdisciplinar, sobre a constituição físico-química do amianto, a cobertura da Panreal, e sobre os efeitos nocivos para a saúde individual e pública da sua manipulação.

As principais referências documentadas sobre a dimensão e mobilização cívica relacionada com a principal tese do livro ocupam a sua Parte IV. Aí se reproduz (i) uma seleção de documentos sobre o processo frustrado de classificação do imóvel, (ii) um inventário, feito por Tâmyris Jaffe e Maxim Jaffe, das múltiplas fontes de informação alojadas na rede global de comunicação, e (iii) o nome dos 1641 cidadãos que assinaram uma petição pública em defesa da salvaguarda histórica e patrimonial do edifício.

A Parte II agrega uma coletânea de textos que variam no seu escopo entre tese, antítese e paradoxo. São textos: (i) de brevidade opinativa, marcados por tonalidades críticas de indignação, de protesto e denúncia, com implicações nos planos cultural, político e jurídico (Alexandre Parafita, António Alberto Alves, Cristina Azevedo, Levi Leonido, Marta Vasconcelos, Olinda Santana, Rui Tina Neto, António Crespi, Mila Simões de Abreu); (ii) de natureza memorial (Joaquim Barreira Gonçalves, José Paulo Santos); (iii) de caráter interventivo com propósitos educacionais de cativação e alargamento da consciência de cidadania (Anabela Quelhas, Vitório Leite e Catarina Ribeiro); (iv) de teor ensaístico (Ângela Cardoso, Bruno Salvador, João Paulo Fidalgo); (v) de investigação quer sobre o cosmopolitismo do percurso profissional do arquiteto Nadir Afonso (Luís Jorge Rodrigues Gonçalves e Cláudia Matos Pereira), quer sobre a elevada importância estética da panificadora na tripla perspetiva da sua possível reabilitação (Ana Morgado), da sua importância para a arqueologia industrial (Gerardo Vidal Gonçalves e Dina Pereira) e da sua representatividade no contexto do movimento moderno da arquitetura portuguesa (Carolina Rodrigues, Luís Pereira). Diria que estes últimos contributos prolongam as reflexões dos primeiros quatro ensaios que integram a Parte I. No essencial, refletem as posições do teor paradoxal do livro, ocupando-se em discorrer, a pretexto do abandono e iminente demolição da Panificadora, quer sobre aspetos topológicos, morfológicos, funcionais da sua erudita conceção arquitetónica (Ana Tostões, João Cepeda, Michel Toussaint), quer sobre momentos singulares do percurso estético e artístico de Nadir (Jorge Figueira), com particular ênfase na sua relação profissional com dois dos nomes maiores da arquitetura do século XX, Le Corbusier e Oscar Niemeyer.

Em jeito de conclusão, diria que a motivação editorial desta monografia, na polifonia da sua síntese paradoxal, constituída por discretas vozes opinativas, testemunhais, ensaísticas e por ilustrações pictóricas com valor de escólio polissémico, se cumpre em sintonia com a própria tensão vital do processo criativo e do legado arquitetónico-pictórico da obra de Nadir Afonso. Ou não será que o apagamento definitivo de uma das suas raras obras arquitetónicas,

alusiva e perenemente evocada em dois dos seus quadros reproduzidos neste livro, não é uma magnífica, se bem que irónica, ilustração da prevalência da sua genial vocação de pintor em detrimento do seu talentoso ofício de arquiteto?

NOTA

* José Eduardo Reis, professor associado aposentado na Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) onde lecionou na área dos estudos literários. É investigador do Instituto Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) da Faculdade Letras da Universidade do Porto (FLUP) onde tem prosseguido investigação comparatista com ênfase nos estudos literários e culturais sobre a utopia. É mestre em estudos literários comparados com uma tese sobre a influência de Schopenhauer na obra literária de Jorge Luís Borges e doutor em literatura comparada com uma dissertação sobre o espírito da utopia nas culturas literárias portuguesa e inglesa (FCG/FCT, 2007). É autor de vários artigos em revistas especializadas (30), ensaios e capítulos de livros (21), editor de duas utopias literárias portuguesas, *Irmânia* de Ângelo Jorge (2003) e *Redenção* de Amílcar de Sousa (2011), co-editor de *Nowhere, Somewhere* (2006), e de *Utopian Foodways: Critical Essays* (2019,) Co-organizador do nº36, *Utopia e alimentação*, dos *Cadernos de Literatura Comparada* (2017), do livro *Os Médicos de “O Vegetariano”* (2019). É membro do corpo editorial das revistas académicas *Letras Vivas*, *Nova Águia*, *Cultura entre Culturas* e *Atlante*. É membro do conselho consultivo internacional das *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa* e membro da Comissão Internacional da *História Global da Literatura Portuguesa* (HGLP). Peer-review das revistas académicas *Utopian Studies* (Penn State University Press), *Cadernos de Literatura Comparada* (FLUP), *Via Panorâmica* (FLUP), *Revista da APEAA Op. Cit.* Em 2011 foi professor visitante do departamento de estudos românicos e germânicos da Universidade de Nova Deli (Índia).